

Os anos da praga

Como a ascensão do nacionalismo de direita está colocando em risco a saúde mundial

Publicado em 01 de abril de 2019

Resumo por Amanda Rossi:

Sempre corremos o risco de surgir uma nova doença - ou de ressurgir uma doença que já estava controlada. O que é particular do momento presente é que a negação da ciência e o corte de recursos para a área de pesquisa e saúde nos deixam sem defesas para controlar uma doença que se espalha rápido. Além disso, a retórica nacionalista tenta nos convencer de que restringir a imigração, construir muros, se voltar para dentro e desacreditar a cooperação internacional nos protegerá. Não é verdade. Patógenos não se intimidam por política ou fronteiras.

O espírito de cooperação entre países para enfrentar doenças perigosas teve um impulso após a Segunda Guerra Mundial, culminando, em 1948, na fundação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 1967, teve início um dos mais importantes esforços multinacionais da área da saúde, com o objetivo de erradicar a varíola - uma das doenças mais mortais da história. Diversos países se aliaram para compartilhar sistemas de vigilância complexos e promover vastas campanhas de vacinação. Deu certo: a varíola foi declarada erradicada em 1980.

Mas, agora, movimentos nacionalistas recusam e desacreditam a colaboração internacional. Isso pode representar um perigo para o combate a um possível surto mortal no futuro, com alguns países resguardando vacinas e medicamentos para si próprios. "Não queremos um grupo de pessoas ostracizadas, nas margens, que não possam ter acesso a vacinas, seja qual for a ameaça do futuro", diz Thomas Inglesby, diretor do Centro de Segurança em Saúde da Universidade Johns Hopkins.

Além disso, "os movimentos nacionalistas são baseados na rejeição do conhecimento; criam divisões com base em preconceitos e espalham ideias anti científicas", disse Alexandra Phelan, professora de pesquisa do Centro de Ciência e Segurança em

Saúde Global da Universidade de Georgetown. Talvez o maior exemplo de como a política nacionalista mina a saúde pública venha da Itália. Em agosto de 2018, o senado italiano derrubou a exigência de vacinas obrigatórias para a matrícula escolar - sarampo, tétano, pólio e outras sete doenças. Em parte, a política foi motivada por um crescente movimento de negação das vacinas. Além disso, políticas anti-vacinas parecem resultar de uma rejeição ampla da opinião de especialistas. O resultado da medida italiana foi desastroso. Em outubro, a incidência de sarampo voltou a crescer no país. Logo, a determinação do senado foi derrubada.

Outro exemplo vem da Indonésia. Em agosto de 2018, o conselho mais importante da religião islâmica na Indonésia, país que tem a maior população muçulmana do mundo, decretou que os praticantes da religião deveriam considerar a vacina contra sarampo como algo proibido, por conter gelatina derivada de porcos. Há uma faceta política no movimento - o líder do grupo religioso estava fazendo campanha para a reeleição do presidente da Indonésia. As ideias anti-vacina, apesar de minoritárias entre os muçulmanos da Indonésia, geraram resultados desastrosos. Milhões de pais se recusaram a vacinar seus filhos. Na região de Aceh, que opera sob a lei religiosa, apenas 8% das crianças foram vacinadas. Para controlar o sarampo, é preciso ter uma taxa de vacinação de, no mínimo, 95%.

Já nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump afirmou durante coletiva de imprensa em dezembro de 2018: "Pessoas com tremendos problemas médicos estão chegando aos montes, e em muitos casos é contagioso. Eles estão entrando no nosso país. Temos que ter segurança nas fronteiras". A afirmação não é baseada em fatos. Um projeto de dois anos liderado pela University College London e a revista científica The Lancet descobriu que não há evidências de que a chegada de imigrantes prejudica a saúde de um país.

